

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 263/2013

O NOVO DESENVOLVIMENTO

O mundo anela por um modelo de sociedade e de economia que seja não apenas sustentável pelo curso dos próximos séculos mas que atenda aos grandes anseios de justiça e de cidadania, dentro de um processo que contemple novos avanços da produtividade econômica, voltados não tanto para aumentos de produção porém mais para a liberação do tempo de vida humana empregado no desenvolvimento cultural, político e humanístico dos 10 bilhões que vão povoar o planeta dentro de pouco tempo.

O mundo anseia por definições e orientações referentes a este Novo Desenvolvimento e busca em seus quatro cantos fontes de idéias novas e inspiradoras. Busca com um natural ceticismo sobre as regiões que capitanearam o desenvolvimento econômico desde a revolução industrial e o jogaram no poço da especulação financeira dominante, ilimitada e incontrolada.

A busca do novo dentro desse quadro envelhecido recai naquele grupo de países que emergem para um papel de liderança libertos de enovelamentos mais profundos com o modelo que precisa ser superado. Esses países são os BRICS. E, olhando para este conjunto, o mundo observa que a Rússia tem um certo envolvimento restante com o passado da guerra fria; a China pode ensinar coisas importantes mas tem um longo caminho a percorrer na rota da democratização; a Índia é mais interessante mas tem outro longo caminho na superação da gigantesca miséria que ainda pesa no seu esforço, e a África do Sul tem uma história ainda relativamente curta em termos de independência. Quero dizer claramente que penso que o mundo olha para o Brasil, para a sua democracia tão brilhante, que revelou um líder político extraordinário, egresso diretamente da classe operária, e que caminha (sua democracia) dentro de um processo econômico em que a distribuição tem uma prioridade tão importante quanto a produção, e é tratada com urgência, sem esperar pelo crescimento do bolo conforme a velha tese do capital.

O mundo olha ainda com mais atenção para a democracia do Brasil neste momento em que a juventude realiza gigantescas manifestações de rua em protesto contra tudo, movida por um sentimento que mistura muitas coisas e que ninguém, nem mesmo os jovens, sabe explicitar, mas que está ligado a este anseio mundial por um novo desenvolvimento, que abra portas largas para a participação popular e cuide, por exemplo, do transporte público com vistas às necessidades do público, não da Copa ou da Olimpíada. O protesto é também contra a Copa, contra os estádios magníficos do padrão FIFA, contra o próprio futebol-business e seus salários e gastos astronômicos. O protesto vai passar e vai deixar um forte chamamento de mais comunicação direta com a população cidadã, sem a intermediação distorcida da mídia. O mundo olha tudo isso com atenção.

Acho, sim, que o mundo olha com muito interesse para o Brasil. É megalomania, admito, e com muita megalia, esta que venho cultivando sobre o nosso Brasil. Talvez seja este traço de caráter, combinado talvez com a vivência política de 50 anos turbulentos de nossa História, ou talvez a condição de sobrevivente raro dessa geração que vivenciou o período desenvolvimentista do passado; talvez tudo isso junto tenha constituído a causa da minha escolha, feita esta semana, para presidir o tão importante Centro Internacional Celso Furtado.

Aceitei na medida em que foram aceitas todas as severas limitações de tempo, de mobilidade e de trabalho que eu tenho hoje. Aceitei na medida em que senti uma concordância dos associados e conselheiros do Centro com a minha opinião de que a busca dessa definição, ainda que em bosquejo, do que possa vir a ser o Novo Desenvolvimento é o desafio mais convocatório que o Centro pode ter neste momento, imaginando até que seria esta também a preocupação maior do seu patrono Celso Furtado.

Não gosto de falar de economia mas tenho que tangenciar esta ciência complexa para sustentar, em oposição aos desenvolvimentistas do passado, que o Novo Desenvolvimento, na medida em que ressalta a distribuição como prioridade, tem de considerar o combate à inflação com tanta relevância que admita uma redução nas suas metas de crescimento, para atender bem à condição de estabilidade monetária essencial para a melhoria da distribuição de renda.

Gosto, sim, de falar de política e, neste campo, a manutenção de uma taxa de emprego alta e de uma renda do trabalho em elevação, assim como a aceitação de várias formas de participação popular nas decisões, valem mais do que um crescimento do PIB ao nível que agrada a mídia e o business.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br